

Crescimento não é problema, é solução

O Brasil precisa crescer mais, não menos, e ninguém deveria temer uma firme reativação da economia. O IBGE acaba de informar que a produção industrial de julho foi 0,5% maior que a do mês anterior e 9,6% superior à de julho de 2003. As novas projeções do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que elevou de 3,5% para 4,6% sua estimativa de expansão econômica em 2004, são mais um motivo de otimismo. Com aumento da produção, do consumo e do investimento, as importações têm subido, o que é normal e saudável. Apesar disso, o saldo comercial previsto para o ano foi elevado de US\$ 27,1 bilhões para US\$ 32,9 bilhões. É hora de animação. Crescimento gera empregos e cria bem-estar. Obviedades? Noutros tempos, talvez, mas não neste mundo em que a obsessão especulativa transforma a boa notícia em motivo de ansiedade.

Pelas novas contas do Ipea, a inflação, medida pelo IPCA, chegará a 7,3% e não mais a 6,5% como se calculava. No entanto, as pressões inflacionárias, segundo a mesma análise, tendem a diminuir. O resultado pior que o anteriormente previsto deve, portanto, refletir problemas que já estão sendo, gradualmente, deixados para trás.

Apesar disso, os técnicos da instituição projetam para o fim do ano juros básicos de

16,5%, 0,5 ponto mais alto que os atuais. Segundo o economista Fábio Giambiagi, do Ipea, esse aumento "modesto" garantirá um recuo firme e suave da inflação. Não se esperam grandes prejuízos para a economia, até porque a exportação continua vigorosa e o elevado uso da capacidade instalada impõe novos investimentos. Para 2005 está previsto um crescimento de 3,8%, um número razoável, nesta altura.

Mas não há por que afirmar, agora, que uma alta de juros, ainda que moderada, seja indispensável. Os preços de várias commodities começam a ceder e outras pressões poderão diminuir nos próximos meses. O mercado financeiro, naturalmente, continuará a cobrar do Banco Central (BC) um aumento de juros, mas isso é compreensível. Para quem aposta em juros mais altos, no mercado de futuros, o aumento deixa de ser uma possibilidade preocupante e transforma-se em algo desejável.

Não se pode aceitar que a economia fique subordinada a esse tipo de jogo, facilitado, é preciso reconhecê-lo, pelos meios de comunicação, que amplificam as vozes dos especuladores.



Há espaço, na balança comercial, para maior importação, se isso for necessário para garantir a oferta de certos bens. Mesmo assim, se houver bom senso e esforços bem orientados, a exportação e os fluxos comerciais continuarão a crescer, tornando o Brasil menos vulnerável a choques externos.

A maior parte dos setores produtivos ainda tem sobra de capacidade. Alguns podem estar muito perto do limite, mas o empresariado investirá, se acreditar que o crescimento vai prosseguir. É o otimismo que encoraja o investimento, não o temor do desconhecido.

O governo reforçará o otimismo, que já estimula as compras de equipamentos, se deixar claro que também deseja a expansão. A melhor maneira de transmitir essa mensagem será abrir espaço para que os empresários tomem decisões positivas.

Não há dúvidas quanto às medidas necessárias. Reduzir impostos sobre a compra de bens de produção, ampliar o crédito de longo prazo, tornar o BNDES mais eficiente, diminuir os entraves burocráticos e apressar a regulação do setor de infra-es-

trutura são providências óbvias. Sua principal contribuição, em resumo, consistirá em desobstruir caminhos para o setor privado avançar.

Confiança no longo prazo dependerá, também, da certeza de que o governo continuará a buscar a estabilidade fiscal e a respeitar as decisões do BC. Se trabalhar seriamente para enxugar seus gastos de custeio,

o governo poderá investir mais e competir menos com o setor privado na busca de financiamentos.

Alguns desajustes serão inevitáveis, se o

Solução para desajustes não é reduzir a expansão, mas remover obstáculos

crescimento econômico prosseguir. Mas serão desequilíbrios normais numa economia saudável e perfeitamente superáveis. Crescimento, no Brasil, sempre foi a solução, nunca o problema. Se houve desajustes graves, noutros tempos, foi porque governos fizeram o que não deviam, tabelando juros, congelando o câmbio e intervindo de forma desastrada nos preços. Se a ala menos sensata do governo Lula e de sua base for contida, esses erros não se repetirão.